
A GLOBALIZAÇÃO E OS SEUS REFLEXOS NEGATIVOS PARA A HUMANIDADE

GLOBALIZATION AND ITS NEGATIVE REFLECTIONS TO MANKIND

José Mauro Palhares¹
Tiago Alberto Silva²

RESUMO: No presente artigo, iremos discorrer sobre os malefícios da globalização para a condição humana, uma vez que o homem, sobretudo das áreas periféricas, está à margem desse processo. Para tal intento, utilizaremos a cosmovisão do geógrafo Santos (2001) abordada no livro “Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal”. Pretendemos apontar como os países hegemônicos controlam a informação e o dinheiro, promovendo a exclusão, o individualismo e a desagregação, além de realçar a crise estrutural que permeia o mundo, sobretudo as sociedades periféricas que estão dependentes e submissas aos que detêm o capital financeiro, e por fim a problemática da competitividade, o consumo e a confusão dos espíritos que têm como consequência as percepções fragmentadas sobre a realidade vigente.

Palavras-chave: Globalização. Tirania. Informação. Dinheiro. Ideologia.

ABSTRACT: In this article we will discuss the dangers of globalization for the human condition, since the man, especially in peripheral areas are outside of this process. For this purpose, we will use the worldview of the geographer Milton Santos covered in the book “Towards a new globalization of thought only the universal consciousness. We intend to show how hegemonic countries control information and money, promoting exclusion, individualism and the breakdown, and highlighting the structural crisis that permeates the world, especially the peripheral societies that are dependent and submissive to those who own the financial capital, and so the issue of competitiveness, the consumption of spirits and the confusion that has resulted fragmented perceptions.

Key words: Globalization. Tyranny. Information. Money. Ideology.

A GLOBALIZAÇÃO:

Habita-se numa era global, que foi consolidada com o advento da informática. Percebe-se que com esta inovação tecnológica ocorreram as “convergências dos momentos”, ou seja, encurtamento ou diminuição da distância, podendo ser exemplificadas nas conversas on-line que acontecem simultaneamente entre pessoas de vários países ou de um mesmo país em tempo real. A globalização introduziu o célebre lema “Viver sem fronteiras” no qual se observa a unicidade das coisas; o tempo e o espaço passam a ser contraídos, deixando a

¹ Mestre e Doutor em Geografia. Professor Adjunto da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP Campus Oiapoque.
E-mail: jmpalhares@gmail.com.

² Licenciado em História pela Faculdade União das Américas – Uniamérica.

Artigo recebido em agosto de 2014 e aceito para publicação em junho de 2015.

impressão que se vive sem limite territorial e, por conseguinte, que se convive cordialmente com as mais diferentes etnias. Segundo o autor Santos (2001) esses efeitos são causados por discursos semelhantes e únicos, empregados pelos países dominantes detentores do capital financeiro cujos discursos ideológicos criam fabulações e mitos mascarando a realidade na afirmação de que vivemos num mundo harmônico, fraterno e solidário.

GLOBALIZAÇÃO PERVERSA:

Os países hegemônicos se instalaram de várias formas nos países subalternos e concebendo a noção de um mundo unificado, condicionando direta ou indiretamente a esses países de acordo com os seus interesses. A globalização perversa se inicia na imposição da tirania da informação presente nas vidas dos habitantes, influenciando profissionais do mercado e as relações sociais, como também ditando valores negativos ao caráter das pessoas, porém que convêm aos “donos do poder”.

Segundo o autor, a competitividade, sugerida pela produção e consumo, são fontes de novos totalitarismos, sendo aceitas devido à confusão dos espíritos e as percepções fragmentadas que permeiam as visões e as ideias das pessoas. Esse totalitarismo se reflete nas relações sociais, tornando o estado, as instituições e os indivíduos embrutecidos e selvagens, e com isso as pessoas se sentem desamparadas, e por efeito adotam e se adaptam dançando conforme a música imposta pelas elites, reproduzindo no seu dia-a-dia o mesmo tratamento que recebem. O homem moderno tende cada vez mais a ser solitário, a viver uma vida fechada em cubículos semelhantes a arquivos, numa vida virtual e imaginária permeada pelas relações “on-line”, ou melhor, “off-line”, uma vez que permanece no anonimato e na superficialidade digital tornando as relações humanas frias e distantes.

A noção do bem público sofreu um retrocesso, em virtude do ser humano não se identificar e nem valorizar objetos ou o patrimônio cultural das sociedades, pode-se citar como exemplos o fato de vândalos destruírem os orelhões públicos sem serem conscientes de que esses objetos são para o seu uso e benefício, isto é, destinados para a coletividade.

Outra questão é a ausência de solidariedade, de valores éticos, morais ou cívicos, pois com o advento da globalização o mundo não é mais marcado pela competição, porém pela competitividade, ou seja, a competitividade avança e transcende o âmbito nacional exigindo do ser humano uma qualificação profissional além daquilo de que o mercado e a estrutura social podem fornecer.

Outro exemplo são as intervenções das culturas estrangeiras na sociedade brasileira, exigindo o domínio da língua inglesa ou qualquer outra língua estrangeira, bem como a exigência de que os indivíduos devam ter um vasto currículo, entretanto do outro lado não se tem subsídios para atingir esse desempenho e qualificação, permanecendo cada indivíduo à mercê da sorte. Devido a esse fato abre-se um abismo econômico, social e cultural entre os ricos e pobres, já que estes não têm acesso aos meios para competir em escalas iguais junto às classes dominantes. Vivemos a era dos superinformados, da velocidade, onde os que controlam a informação manipulam ao seu prazer de como esses dados serão apresentados para a massa, e com isso a opinião pública é formatada de acordo com o que é repassado pelos meios de comunicação, e estes, por sua vez, estão atrelados aos interesses dos grupos econômicos dominantes, neste caso, o capitalismo internacional.

A TIRANIA DA INFORMAÇÃO:

Os mecanismos centrais de manipulação se verificam através dos meios de comunicação: a rádio, a televisão, os jornais ou outras fontes. Observa-se nesta era

globalizada que o saber é poder, pois os países hegemônicos detentores da informação repassam aos países periféricos notícias condicionadas aos seus interesses, na forma que melhor lhes convêm, legitimando e justificando suas imposições mediante os aparelhos ideológicos, exemplificadas nesta contemporaneidade na Guerra do Iraque, quando os Estados Unidos justificaram a invasão alegando acabar com o terrorismo e a tirania, enfim utilizaram esse discurso para legitimar a sua agressão nessa região dizendo que foi para destituir e dismantelar o regime político do ditador Saddam Hussein, a visão de que com essa guerra deteriam o terrorismo mundial instalando a paz no mundo.

Um fator a ressaltar é que, com as novas condições técnicas, deveria facilitar a ampliação do conhecimento do planeta, isto é, as pessoas poderiam e deveriam ter mais acesso ao conhecimento ou à sabedoria, todavia habita-se num mundo onde a maioria das pessoas são iletradas, e não sabem o que é tecnologia e ciência, e tampouco quais seus benefícios e prejuízos para a humanidade e, por conseguinte, ficam à mercê de “autoridades” ou Estados e empresas que transmitem ao seu bel-prazer os acontecimentos, construindo a realidade conforme seus objetivos.

Percebe-se que a comunicação parece ser o instrumento mais relevante de resistência à mudança e de manutenção dessa situação de dominação e exploração, onde os países periféricos continuam cada vez mais pobres e os hegemônicos mais ricos, visto que estes controlam e manipulam a informação através dos meios de comunicação e vínculos com as agências publicitárias. Para o sociólogo Guareschi (2000) há três pontos a salientar sobre a comunicação: é que constrói a realidade, ou seja, as coisas passam a existir a partir do momento em que é comunicado ou vira notícia; os meios de comunicação que veiculam um fato, o fazem concedendo uma dimensão valorativa, isto é, carregada de juízos de valores, proferindo se tal circunstância é boa ou ruim, além de averiguar que ao noticiar algo já o está valorizando; o último ponto nota que esse meio organiza as agendas de discussões, ou seja, traz os assuntos que as pessoas vão falar e discutir. Esse ponto é grave, pois em casa, na rua ou no trabalho o que a maioria dos indivíduos discute é por ter sido veiculado na mídia, e isso esconde uma problemática preocupante, pois se esse meio não veicular tal acontecimento as pessoas não vão saber. Enfim, quem detém a comunicação constrói uma realidade de acordo com seus interesses, justamente para poder garantir o poder.

Declara o pensador Guareschi (2000) que os países detentores do capital, se não possuem diretamente um meio de comunicação, ele o pode controlar através de outras maneiras: se o capital não pode possuir o meio, ele acaba controlando o conteúdo (o que se transmite); se não tem o meio e o conteúdo, controla-se a divulgação e distribuição desse conteúdo; além dos já citados, pode-se controlar mediante a publicidade e propaganda e esta a serviço de firmas internacionais e por fim, se nenhum destes mecanismos funcionarem, ainda resta o controle político que emana do governo e tem diversos aparelhos de pressão direta e indireta.

Outra questão é que esses meios estão a favor do capital financeiro que não são nossos ou transmitem os nossos costumes, cujo exemplo é a descaracterização da cultura brasileira devido à intervenção estrangeira nos padrões culturais, isto é, hábitos, modos de viver, conduta, relacionamento, diversão etc.

As notícias são partes mais importantes na formação, tanto da opinião pública, como na formação da ideologia das pessoas.

O sociólogo Guareschi (2000) aborda também que os países dominantes usam de dois instrumentos para a manipulação: o primeiro é o mecanismo de seleção na qual são dadas e compostas de alguns elementos, apenas, do fato acontecido, não abrangendo uma visão global e equilibrada; o segundo é o mecanismo da combinação, que consiste em se colocar juntos duas coisas que não têm nada a ver uma com a outra, podendo ser citado o fato de na sociedade brasileira a mídia associar os negros ao banditismo e a pobreza

relacionada com a violência. Os eventos são falsificados e impregnados por humores, visões, preconceitos, interpretações distorcidas e interesses das agências a serviço do capitalismo internacional e hegemônico. Enfim, esses mecanismos introjetam esses valores degradantes, errôneos e desagregadores nas pessoas, que por sua vez não têm um espírito crítico e aceitam tais notícias com uma certa ingenuidade, sem refletir sobre essa realidade e tentar ver os dois lados da moeda ou o fim para o qual ele é usado.

Em suma, numa sociedade acelerada e estonteante, verifica-se que quase não há mais espaço para a reflexão e opção livre e pessoal, onde somos bombardeados por informações afirmativas que nos confundem e geram mal estar universal, diminuindo o nosso hábito da liberdade e transformando o homem numa ilha, sendo a cada dia que passa corroído por um mundo consumista, individualista, hedonista e virtual.

A VIOLÊNCIA DO DINHEIRO:

Outro fator constitutivo da globalização em seu modo perverso é a emergência do dinheiro em estado puro como motor da vida econômica e social. Verifica-se que como consequência da globalização a internacionalização do capital financeiro, ou seja, o advento de empresas que detêm o capital financeiro, podendo ser chamadas de transnacionais que buscam instalação em determinados países ditos periféricos ou em desenvolvimento. Percebe-se a exploração dessas empresas em relação às empresas locais ou nacionais, pois as transnacionais, por ter o monopólio do capital financeiro, acabam dominando o mercado desses países aumentando suas dívidas de forma exorbitante, dependência e submissão destes em prol dos seus interesses, vantagens e lucros. Para Santos:

“... A finança move a economia e a deforma, levando seus tentáculos a todos os aspectos da vida. Por isso, é lícito falar de tirania do dinheiro. Se o dinheiro em estado puro se tornou despótico, isso também se deve ao fato de que tudo se torna valor de troca. A monetarização da vida cotidiana ganhou, no mundo inteiro, um enorme terreno nos últimos 25 anos. Essa presença do dinheiro em toda parte acaba por constituir um dado ameaçador da nossa existência cotidiana”. (SANTOS, p.44. 2001).

Com esse argumento, o autor ressaltou que um dos efeitos nocivos da globalização é em virtude de o dinheiro se tornar o centro do mundo e abranger todas as formas de relações na sociedade, ademais, nota-se que vivemos numa era onde os valores são calcados em trocas, barganhas e negociações diminuindo outros valores mais relevantes que estes.

AS PERCEPÇÕES FRAGMENTADAS E O DISCURSO ÚNICO DO “MUNDO”:

Percebe-se que através da generalização da ideologia que sucede as percepções fragmentadas em múltiplas formas envolve a organização social, produção, funcionamento, além de estar presente na cultura de massa e o mercado global, bem como o discurso único.

A globalização, tendo como pressuposto a unicidade da técnica, como o computador, a mídia, o celular, acaba excluindo as pessoas que não têm acesso a essas técnicas, além disso, ela aparece como ideal e a maioria dos indivíduos aceita sem saber o processamento, os meios, os fins, a relação com a ciência e o público alvo destinado pelo mercado que se alia à técnica. Observa-se que a contradição habita nessa problemática, porque quem adquire a técnica é uma minoria que consegue controlar a informação e a velocidade, enquanto que os outros consomem os seus produtos sem ter conhecimento sobre o que ocorre nos

bastidores dos países hegemônicos, e isso acaba gerando percepções fragmentadas ao confundir valores, juízos, razão, atuação e o comportamento das pessoas.

Os países monopolizadores utilizam uma forma de totalitarismo e opressão intensa, visto que por meio dos seus sistemas políticos concebidos por governos e empresas adotam os modelos técnicos atuais e constroem relações econômicas, que não toleram debates ou questionamentos por parte dos funcionários, tendo como exigência a submissão imediata e por efeito isso elimina a possibilidade do conhecimento do homem sobre a realidade.

COMPETITIVIDADE, CONSUMO, CONFUSÃO DOS ESPÍRITOS, GLOBALITARISMO:

Nessa era global, ocorre “simultaneamente ou coexistem” misturas complexas e paradoxais como a competitividade que está presente no agir, o consumo como forma de indecisão caindo num fetichismo absoluto, e a confusão dos espíritos que tolgem a lucidez e a inteligência, tornando ao mesmo tempo o mundo e o ser humano herméticos e caminhando à “convergência dos momentos” para um “obscurantismo global”.

Segundo o geógrafo Santos:

“Nos últimos cinco séculos de desenvolvimento e expansão geográfica do capitalismo, a concorrência se estabelece como regra. Agora, a competitividade toma o lugar da competição. A concorrência atual não é mais velha concorrência, sobretudo porque chega eliminando toda forma de compaixão”. (SANTOS, p.46. 2001).

O autor ressalta que a competitividade tem como objetivo a guerra, como regra onde na lei da selva irá sobreviver, quem tiver mais recursos, ou seja, quem for mais forte e subjugar os mais fracos nessa “cadeia alimentar”. Essa época caracteriza-se pela ética da competitividade na qual essa guerra como norma legítima toda forma de poder, onde eclodem vários níveis de individualismos, podendo exemplificar: o individualismo na vida econômica, ou seja, a concorrência exarcebada entre as empresas para ver quem vende o melhor produto numa corrida desenfreada em prol do lucro; individualismo na organização política, isto é, a ideologia empregada por partidos preocupados com os eleitores ou filiação destes, ao invés de propostas políticas eficientes e eficazes para atender o bem comum; individualismo na ordem do território sendo as disputas entre cidades ou regiões em benefícios de seus interesses culminando num bairrismo e os individualismos na ordem social e pessoal, como observada nas relações sociais, onde entre duas pessoas uma se torna superior e reduz o seu próximo a uma coisa ou a um objeto sem vida (ser inanimado), contendo prazo de validade e sendo descartado quando vence tal validade e por efeito ele se torna inútil, a filosofia caracteriza isso como o processo de coisificação, reificação na relação social, alienação, massificação do indivíduo resultando numa relação impessoal, desumanização do homem e humanização das máquinas, e por fim o utilitarismo que abarca a ideologia contemporânea.

A contemporaneidade diminuiu a convivência e socialização entre as pessoas, devido às invenções de técnicas como o telefone, que ao mesmo tempo em que facilita a vida dos indivíduos, elimina o contato e trocas de experiências.

Outro ponto a discorrer foi a chegada no mercado de trabalho do sistema digitalizado, que acarreta efeitos colaterais, pois causa a ilusão de ótica de as pessoas conseguirem executar suas tarefas com conforto, segurança, agilidade e rapidez, porém esse pensamento “tecnocrático” resulta na robotização das pessoas, chegando ao ponto destas culparem as máquinas ou o sistema por não conseguirem resolver os problemas da sua função.

“Para tudo isso, também contribuiu a perda de influência da filosofia na formulação das ciências sociais, cuja interdisciplinaridade acaba por buscar inspiração na economia. Daí o empobrecimento das ciências humanas e a consequente dificuldade para interpretar o que vai pelo mundo, já que a ciência econômica se torna, cada vez mais, uma disciplina da administração das coisas ao serviço de um sistema ideológico”. (SANTOS, p.47. 2001).

Percebe-se que vivemos numa cultura economicizada, tecnologicizada, orientada para uma perspectiva desprovida de crítica e reflexão, massificada por interesses econômicos. Nota-se que pelo fato de estarmos imbuídos por um modo de vida hedonista, imediatista e consumista, a filosofia nesse contexto por não ser imediatamente “operacional” é tida como supérflua, além de como o autor acima ressaltou o desvinculamento dessa disciplina na formulação das ciências sociais.

Nos dias hodiernos, verifica-se também que o excesso de informação acaba gerando diversos problemas para a relação homem-mundo, como incertezas e confusões engendrando na vertente de uma visão linear e atomizada das ciências e das diversas formas de conhecimento, o que recai em conhecimentos simplificadores da realidade e a um viés desconectado, simultaneamente do todo e de outras partes criadoras do todo. Isso tem como efeito a desconexão entre o saber e o seu contexto, a realidade específica em que foram produzidos e o contexto vigente a que requer uma correspondência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crise estrutural que abrange a sociedade é global, porque se manifesta tanto em fenômenos globais como particulares deste ou daquele país. Em suma, os autores que detêm o capital financeiro nos fazem crer que a crise que se passa nos países, lugares e pessoas são as mesmas, por isso esses protagonistas nos manipulam ao seu modo e nos introjetam tal visão para nos fazer adotar uma “postura única” como se a crise fosse homogênea ou padronizada, indicando como posologia a dose certa para curar esse mal-estar, e com isso essas doses letais geram efeitos colaterais, visto que os “homens do negócio” aprisionam a nossa visão, escondendo seus interesses somente pela crise financeira e de forma intensa e extensa se aprofunda a crise real que ocorre nas esferas econômicas, sociais, política, moral e ambiental do tempo atual.

REFERÊNCIAS

- GUARESCHI, Pedrinho. **Sociologia Crítica**. 47. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2000.
- IANNI, Octavio. **Teorias da Globalização**. 3 ed. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1996.
- IANNI, Octavio. **A era do Globalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**, Rio de Janeiro: Record, 2001.
- SANTOS, Milton. **O espaço dividido**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.
- SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova**. São Paulo: Hucitec/EDUSP, 1978.
- SANTOS, Milton. **Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método**. Boletim Paulista de Geografia. São Paulo: AGB, n. 54, 1977, p. 81-89.
- SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo (globalização e meio técnico-científico informacional)**. São Paulo, Ed. Hucitec, 1994.